

Da ética à ética. Minhas dúvidas sobre a ciência econômica

José Manuel de Barros Dias – IHG-PR

Doutor em Filosofia – Universidade de Évora – Portugal

E-mail: barros.dias@hotmail.com

Fone: (41)9600-8400

Data da recepção: 04/12/2012

Data da aprovação: 06/02/2013

Resenha de: BUARQUE, Cristovam. *Da ética à ética: minhas dúvidas sobre a ciência econômica*. Curitiba: Ibpx, 2012, 195 p.

Natural de Recife (PE), onde nasceu em 1944, Cristovam Buarque é graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Economia pela Sorbonne (França). Trabalhou no Banco Interamericano de Desenvolvimento no Equador, em Honduras e nos Estados Unidos. Foi reitor da Universidade de Brasília (1985-1989), governador do Distrito Federal (DF) (1995-1999), ministro da Educação (1993-1994) e atualmente, além de professor, é senador – desde 2002. Em 2006, Cristovam Buarque foi candidato à Presidência da República. Publicou, até hoje, 27 livros.

“*Da Ética à Ética. Minhas Dúvidas sobre a Ciência Econômica*” é, com pequeníssimas alterações de pormenor, o relatório do concurso para professor titular da Universidade de Brasília, apresentado em 1991. A obra tem a seguinte estrutura: “As tensões entre conhecimento, realidade e desejo na Economia”; “Da Ética à Ética: as tensões na História do Pensamento Econômico do século V a. C. ao século XXI d. C.”; “O século que terminou antes”; “O esforço para reformar a Economia”; “A revisão do propósito”; “A revisão das premissas: os temas econômicos da próxima década”; “Uma agenda para a Modernidade”; “O ensino da Economia”.

Qual é o escopo da mais recente obra de Cristovam Buarque? O autor escreve: “não é como um elogio da ciência econômica, muito menos como uma defesa fundamentalista dos princípios desta, que este memorial foi escrito” (p. 15). Buarque funda, implicitamente, em Protágoras de Abdera sua proposta humanista: *o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são*. Ao defender a *missão do intelectual* no mundo contemporâneo, o autor nos esclarece: “o intelectual de hoje deve ser um renascentista, bem como contestar e criar, ou não será um intelectual. Ele deve permutar perguntas, em vez de oferecer respostas. Seu conhecimento não pode ficar restrito a uma área apenas, mas abranger diversos campos” (p. 17). Deste modo, “suas contradições não podem se limitar a avanços, mas devem buscar rupturas. Podemos tomar Erasmus como um exemplo mais adequado para o presente do que São Tomás de Aquino, bem como Adam Smith constituiu-se em um modelo mais apropriado do que Marshall ou Marx” (p. 17).

“*O estado da arte da Economia*” enquanto disciplina sediada nas Ciências Sociais e Humanas em nossos dias, é assim descrito por Cristovam Buarque: “um século de pensamento econômico permite afirmar que a ciência econômica fracassou tanto como teoria estética, capaz de aprimorar o conhecimento da realidade, quanto como instrumento técnico, capaz de melhorar o mundo real” (p. 18).

Sob o ponto de vista histórico, recordemos que, “*ao separar o certo do justo*, a ciência econômica perdeu a dimensão moral de ferramenta para a construção do bem comum. Ao separar o *belo do justo* e do *certo*, essa mesma área do saber perdeu a dimensão da harmonia para a qual ela deveria servir, como explicadora e como formuladora” (p. 35). Se em Aristóteles, a vida feliz – a eudaimonía, que somente a vida eutrapélica e sábia podia proporcionar – era a finalidade da vida humana, outro tanto não ocorre a partir do Renascimento. Com efeito, será com os mercantilistas que o foco da reflexão e atividade econômicas se centrarão, não na felicidade, helênica e helenística, ou na salvação da alamedieval, mas no Produto Interno Bruto (PIB). Com os mercantilistas, “a economia começa a sair da ‘prisão’ da ética” (p. 50) para ficar refém dos mercados.

As sociedades economicamente avançadas, no pós-II Guerra Mundial, conseguiram “elevar o consumo a níveis inimagináveis, mas o resultado não está satisfazendo. A desigualdade, a pobreza, o abandono dos setores sociais, a incerteza, a violência, o antagonismo anticivilizatório, a crise ecológica provocam uma situação que deixa o conjunto de cada sociedade humana descontente” (p. 92). Hoje, “torna-se necessária uma visão diferente do valor, que inclua o componente natural necessário à produção. Isso

significa que a energia dos economistas contemporâneos, deverá ser utilizada em grande parte para buscar uma nova teoria do valor: que inclua o valor intrínseco da natureza” (p. 109-110). Recorde-se que, no futuro imediato, “só uma visão humanista, e não biocêntrica, é capaz de dar responsabilidade ao homem” (p. 110). Tendo presente um princípio filosófico grato ao Humanismo, tolerante e exigente, Cristovam Buarque enfatiza: “qualquer visão humanista tem de necessariamente pôr o homem como centro do processo natural que ele analisa. A ruptura com o antropocentrismo é uma negação do humanismo e da civilização” (p. 110). Se é certo que “o processo econômico existe graças ao trabalho humano, para satisfazer as necessidades humanas e ampliar o patrimônio da civilização” (p. 111), até há “poucas décadas, o desenvolvimento econômico era autossustentado, porque a velocidade de depredação dos recursos e de poluição ambiental era menor do que a velocidade de substituição dos recursos e da renovação do ambiente. Nas últimas décadas essa dinâmica muda. Para alguns recursos, a possibilidade de esgotamento real passa a ser um risco no curto prazo” (p. 111-112). Tendo presentes os cenários negros, em termos ambientais, Buarque anota: “as gerações futuras deixarão de ter acesso a milhares de espécies que hoje estão em processo de extinção por causa da atividade econômica. Economistas não levam isto em conta” (p. 119). Escutemos o nosso autor quando ele denuncia a desumanização dos objetivos da Economia, na atualidade: “o nascimento de uma criança reduz a renda per capita; um novo bezerro representa um aumento do produto nacional” (p. 96).

Numa época em que o consumo é promovido à escala planetária, como se os valores que constroem uma civilização, os valores do espírito não existissem, como é que a Economia se relaciona com a cultura? “O desprezo dado à cultura é uma característica da ciência econômica em todas as escolas do seu pensamento. Desde Adam Smith, a visão da economia como ciência da produção e da distribuição considerou apenas a quantidade de produtos. Para realizar essa produção, os homens deveriam organizar-se da forma mais eficiente possível do ponto de vista físico, sem consideração sobre seus valores culturais” (p. 120).

Desde há séculos, retenha-se, “a palavra *ethos* não entrou no vocabulário da ciência econômica. A teoria econômica ignorou o *ethos* de cada povo como variável objetiva do processo econômico. A cultura de cada sociedade passou a ser vista apenas como um entrave a ser vencido, quando ela não estava em sintonia com a maior eficiência possível no processo de produção” (p. 120).

No entanto, tal como indica Mischa Titiev, não é pelas realizações materiais, e só por elas, que um povo se constitui e se mantém como Pátria, ou que uma civilização consegue

persistir no tempo. Se é certo que “o homem é único no que respeita ao desenvolvimento de formas extrabiológicas de actuação, e [...] o único animal que criou e manteve sistemas de cultura” (*Introdução à Antropologia Cultural*, 7.^a ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, trad. do inglês por João Pereira Neto, p. 9), todos sabemos “que não são as diferenças de construção biológica que determinam se um indivíduo irá comer com garfo ou com pauzinhos” (TITIEV, p. 13). Deste modo, devemos reter que “a cultura não se compõe somente de ingredientes biofísicoquímicos; não é transmitida nas relações sexuais; não se transmite num determinado momento; não é recebida apenas de duas pessoas que vão ser os pais de um indivíduo; e em teoria ela não tem que ser retida para toda a vida, podendo, pelo contrário, ser modificada ou abandonada de acordo com o desejo de um indivíduo” (TITIEV, p. 13). Confrontados pois, entre a matéria e as realizações espirituais, a cultura e de acordo com Mischa Titiev, defendemos que “sempre que os valores da biologia e da cultura colidem, o homem geralmente dá preferência aos valores culturais, até se aproximar do ponto em que estes possam causar a extinção de indivíduos ou sociedades” (TITIEV, p. 15).

Em nossos dias, “a busca do bem-estar e do prazer individual são feitas [...] por indivíduos que possuem um poder de dimensões planetárias. O individualismo só poderia levar ao *bem comum* se o poder de cada indivíduo não tivesse potencial catastrófico” (p. 39). O que fazer então? Cristovam Buarque apela ao retorno da Ética para o seio das discussões econômicas. Esse apelo é, simultaneamente, um esforço para a recuperação da dignidade intrínseca ao ser humano.

O desencanto das expectativas, verificável em termos empíricos desde que em 2008, eclodiu a crise financeira global, tornou evidente que, se “até muito recentemente, graças ao otimismo generalizado, havia a certeza de que as próximas gerações seriam privilegiadas em relação às anteriores” (p. 141), hoje, em contrapartida, “há um sentimento generalizado de que é possível ocorrer o contrário. Nada garante que o avanço técnico será capaz de substituir os recursos naturais que venham a se esgotar” (p. 141). À luz desse horizonte de perspectiva, mais de incógnita do que de certeza próspera, “nas próximas décadas, poucos temas deverão merecer mais preocupação dos economistas do que a formulação de uma teoria do desenvolvimento autossustentado que vá além da tradicional teoria do crescimento” (p. 142).

Num clamor para que a justiça distributiva tenha, finalmente, lugar em nosso mundo, Cristovam Buarque defende que “não existe razão ética que justifique a ânsia de igualdade no consumo de bens supérfluos, além das necessidades essenciais em um

mundo moderno: educação, saúde, justiça e segurança, endereço limpo, alimentação e transporte urbano” (p. 143). No futuro – não no futuro distante, mas em nosso tempo possível – a igualdade “não será mais a igualdade plena dos utopistas do século passado, mas a igualdade básica do acesso aos bens e serviços essenciais” (p. 143).

Como proceder, em termos econômicos, ante um ambiente que se caracteriza pela incerteza, pela dispersão e pela errância? Segundo Buarque, “o futuro talvez esteja em uma regulação pública e do Estado dentro dos limites possíveis na regulação de longo prazo para a produção e a distribuição dos bens em geral, básicos, e uma intervenção no mercado para influir na produção e na demanda dos bens essenciais, com a total liberação no curto prazo do mercado para os bens considerados supérfluos” (p. 147). Uma regulação portanto, que se situará longe da mera dimensão da *technê*, além das doutrinas econômicas marxistas e das doutrinas econômicas liberais.

A proposta do educacionista brasileiro para a Economia dos tempos vindouros ganha corpo nesta sua afirmação: “os próximos anos representarão uma passagem do centro de gravitação das ideias do crescimento para a ética. Fechar-se-ia um longo processo de 25 séculos de evolução: da ética à ética” (p. 70).

O desafio da Economia, para o futuro imediato, é este: “a ciência econômica não deve buscar apenas construir um mundo mais rico, mas também mais justo e mais belo” (p. 35). Deste modo, escreve Buarque: “as próximas décadas reservam para os economistas, especialmente das gerações futuras, o desafio de construírem um novo marco teórico, navegando um período de grandes mutações nas bases teóricas e ideológicas do pensamento” (p. 81).

Tendo presente, como horizonte de referência, o *paradigma da complexidade*, tal como Edgar Morin o propôs, Cristovam Buarque preconiza uma ciência econômica que se constituirá mais a partir das dúvidas do que a partir das certezas, tendo como horizonte de afirmação uma problemática que será entendida a partir da multidisciplinaridade. Desse modo, “a ciência econômica exige uma aceitação do imprevisível de cada momento histórico, da enorme incerteza com a qual suas variáveis reagem diante de elementos novos que surgem a cada dia, de maneira endógena e exógena” (p. 152). Criticando o monolitismo epistemológico dos autores da ciência econômica, nosso autor declara: “se a física já aceita que Deus jogue aos dados, a economia deve trabalhar com a possibilidade de que seus dados já não são cubos com seis conjuntos de pontos, e sim poliedros com um número infinito e aleatório de lados, cada um com um variado número de pontos, jogados por um

número quase infinito de jogadores, o que torna impossível o cálculo de probabilidade” (p. 153).

Nos próximos anos, o economista “precisará de ser ético: comprometido com o equilíbrio ecológico, da proteção ambiental e com o equilíbrio social da eliminação da pobreza” (p. 174). A Universidade que temos está preparada para formar economistas com perfil humanista, dotados das ferramentas críticas que lhes permitirão intervir na Natureza e no mundo sem os depredarem? Não está. Essa Universidade, exige que se refaçam “a estrutura, os métodos e os objetivos” (p. 177); ela deverá ser “uma instituição para servir ao processo de renascença em marcha no mundo” (p. 177).

O Brasil do futuro será construído a partir do húmus que constitui o seu passado, ou seja, a matéria-prima, física, intelectual e moral, que resulta daquilo que o Brasil já foi. Para Cristovam Buarque – é legítimo dizê-lo assim – a *traditio* é a base da *revolutio*. Com efeito, *tradição*, de *tradere*, equivale a “entrega”, é aquilo que se passa de um a outro, trans, um conceito que é irmão dos de *transmissão* e de *transladação*. Temos para nós, que não pode ter esperança quem não tem recordações: é o caminho percorrido que nos dá forças para percorrer o que falta. Podemos, contudo, rejeitar a herança; podemos aceitá-la, criticando-a; podemos ainda, aceitá-la sem qualquer tipo de crítica. Não aceitamos porém, que os povos sejam tábuas rasas que, sem memória de nada, consigam criar tudo a cada momento do seu existir.

“Da Ética à Ética” é, pois, um livro esperançoso. Ele medita no sentido teleológico da criação da riqueza e vê nela, uma ferramenta para a humanização do ser humano. A mais recente obra de Cristovam Buarque merece leitura integral e atenta por parte de quantos, em nossos dias, intuem ser a hora que vivemos um choque violentíssimo, entre a *civilização* e a *barbárie*. Ou, por outras palavras, um combate a ganhar pelas forças do Espírito que, a começar pela Economia, têm que recuperar o sentido do Ser das pessoas, das coisas e das vivências.